

### A Paisagem de Sérgio Costa como Campo Operativo da Memória.

Na minha primeira aproximação à pintura de Sérgio Costa afirmava que embora reconhecida e inscrita tematicamente na paisagem, não devia ser negligenciado o modo como esta paisagem é configurada, uma vez que a sua contemporaneidade radica nesse "como" a imagem se faz. O procedimento, a escolha de uma pragmática de trabalho implica também uma confrontação, ou pelo menos um distanciamento, relativamente com outros mecanismos ou estratégias pictóricas.

Em primeiro lugar demarcava-se, a pintura de Sérgio Costa, da perspectiva mono focal, ou seja, de um horizonte omnipresente e absoluto que condiciona e homogeneiza toda a representação. Em segundo lugar, o escorregar da tinta sobre a superfície da tela configurava uma topografia directamente ligada com a força da gravidade da Terra e, finalmente, a imagem construída na lógica do alto-contraste assinalava a sua origem fotográfica para assim realçar o "deambular" da visão que o dispositivo fotográfico proporciona.

Os novos trabalhos que o artista apresenta no Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal reafirmam e consolidam uma pragmática, uma operativa pictórica sustentada nessas três características já enunciadas, demonstrando ou abrindo questões cuja pertinência é, sem sombra de dúvida, manifestamente contemporânea. E nesse sentido, a pintura de Sérgio Costa quando estabelece, por exemplo, ligações evidentes com um campo reflexivo próprio da Modernidade esse "deambular" da visão encarna evidentemente o *flâneur* de Baudelaire, cuja figura dir-se-á é tipicamente moderna, procura fazer funcionar novas perspectivas para esse(s) pressuposto(s) da Modernidade. Por outras palavras, a pintura de Sérgio Costa utiliza referências conceptuais numa operativa pictórica para lhes conferir contemporaneidade.

Dai que o recurso à fragmentação tenha como um dos seus objectivos interromper qualquer tentativa de configurar uma leitura linear ou "orgânica" da imagem e das suas referências conceptuais. O problema, o assunto que a pintura de Sérgio Costa instaura, não estaria na representação de uma ligação com uma "deambulação" do olhar ou com um conhecimento teórico conhecido, a questão que deveras se coloca está a nível mental, tem que ver com o pensamento, melhor ainda, com a experiência e as marcas que o real vivido causa e deixa na nossa memória, tem que ver com as operações de configuração e recuperação das imagens, dos sons, dos cheiros, das cores, dos sentimentos, etc. que definem a nossa individualidade. Noutras palavras o problema que coloca esta pintura são as tentativas quer mentais quer pictóricas da construção e reconstrução da (nossa) realidade.

Deste modo, as pinturas de grande formato como as pinturas mais pequenas apresentadas em polípticos aproximam-se a uma vontade narrativa não-orgânica<sup>1</sup>, isto é, tenta-se desligar a imagem de qualquer referência de carácter exclusivo, seja com esquemas perceptivos determinados, com uma história, com uma acção ou com uma identificação a personagens, procurando fazê-las funcionar com a diversidade de realidades que a fragmentação assinala. Poder-se-á dizer, finalmente, que esta pintura é uma modulação<sup>2</sup>, "é a posta do molde em variação, é uma transformação do molde em cada instante da operação"<sup>3</sup>. Em que o "molde" vem a desempenhar o papel do "orgânico". A modulação que a fragmentação da pintura de Sérgio Costa institui é a operação na qual se põe em máxima fragilidade o conhecido, o decifrado, o estruturado, no intuito de transformar a "paisagem" num campo operativo donde se formula, se constrói e se reconstrói constantemente o percurso, o "deambular" da memória à procura da nossa identidade, da nossa diferença que o mundo marca em nós.

Augusto Carvacho

---

1 Entendendo "não-orgânico" na perspectiva que Deleuze desenvolve a partir da ideia avançada por Artaud: "O Corpo sem Órgãos". Quer dizer, a possibilidade de um corpo sem órgãos como substrato que impede a tomada ou o domínio de um determinado órgão no modo em que se "organiza", se configura, ou se experimenta o mundo a partir desse corpo. Seja este doutrinário ou físico. Assim sendo, o orgânico responderia a uma lógica marcadamente e restritivamente unilateral e linear. Não é banal, então, a presença do táctil nessa capa de tinta que escorra pela superfície da tela na pintura de Sérgio Costa, dir-se-á que é o modo como o artista procura aproximar o visual do táctil, retomando, desta forma, ideias desenvolvidas na história da arte, de A. Hildebrand em 1893 até G. Deleuze no seu livro sobre Francis Bacon. Parece ser que a intenção daquela topografia pictórica quer visual quer táctil é definir uma "não-zona", isto é, um espaço de contaminação entre o táctil e o visual.

2 No sentido que Deleuze dá a este termo, veja-se Deleuze, G. A imagem-tempo.

3 Deleuze, G. La imagen-tiempo, Barcelona, Paidós, 1986, pág. 47, tradução livre.